

**EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS  
SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS**

*Dhienes Charla Ferreira Tinoco* (UENF)

[dhienesch@hotmail.com](mailto:dhienesch@hotmail.com)

*Eliana Crispim França Luquetti* (UENF)

[elinafff@gmail.com](mailto:elinafff@gmail.com)

**RESUMO**

O objetivo dessa proposta consiste em apresentar um estudo sobre as expressões idiomáticas na perspectiva da fraseologia. E para isso, propomos uma pesquisa teórica que traça uma visão panorâmica das definições e conceitos relacionados às expressões idiomáticas de acordo com a fraseologia. Além disso, serão destacadas as unidades fraseológicas, apresentando suas características essenciais e sua tipologia, sobretudo as expressões fraseológicas. E para isso, abordamos as contribuições de Saussure quanto aos agrupamentos; Bally (1951), com seus postulados sobre unidades fraseológicas; além de autores mais recentes como Xatara (1998) e Tagnin (1989), dentre outros que ajudaram a compor e fundamentar este tema. Esperamos com este artigo fornecer suporte teórico ao educador para o ensino das expressões idiomáticas. Assim, partimos do pressuposto de que conhecendo a natureza e estrutura dessas expressões, estará mais bem preparado a elaborar suas estratégias pedagógicas.

**Palavras-chave:** Fraseologia. Expressões idiomáticas. Formação docente.

***1. Considerações iniciais***

O conhecimento das expressões idiomáticas é extremamente importante para a ampliação da competência lexical do aluno e para manter viva a tradição cultural de uma língua. Apesar disso, percebemos que elas ainda não possuem o seu devido lugar no ensino de português como língua materna. Acreditamos que isto aconteça devido a inúmeros motivos, dentre eles, a falta de conhecimento da natureza, classificação e estrutura dessas expressões.

Nesse sentido, este artigo consiste em apresentar reflexões sobre a natureza e características das expressões idiomáticas, com intuito de fornecer subsídios para que o professor conheça melhor esse tipo de expressão complexa.

Aqui apresentamos um estudo teórico da fraseologia e das unidades fraseológicas (UFs) como seu objeto de estudo. Nesse sentido, mostramos uma visão panorâmica das definições e conceitos sobre fraseologia. Além disso, serão destacadas as unidades fraseológicas, apresentan-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

do suas características essenciais e sua tipologia, sobretudo as expressões fraseológicas.

Para tanto, apresentamos as contribuições de Saussure quanto aos agrupamentos; Bally (1951), com seus postulados sobre unidades fraseológicas; além de autores mais recentes como Xatara (1998) e Tagnin (1989), dentre outros que ajudaram a compor e fundamentar este tema.

### 2. *A fraseologia e alguns de seus pressupostos*

As combinações fixas existem desde a antiguidade nas línguas e são muito mais usadas na produção textual do que as combinações livres (GROSS, 1988). Entretanto, os estudos sobre a fraseologia aparecem, de forma ainda vaga, somente no início do século XIX.

Para Ortiz Alvarez (1997), as primeiras pesquisas sobre o tema foram realizadas por Charles Bally. De acordo com a autora, em 1951, Bally publicou pesquisas que permitiram a delimitação do objeto de estudo da fraseologia e da apresentação de suas especificidades. O linguista francês apresentou pela primeira vez a existência de expressões fixas e de combinação estável, atentando para a necessidade de um estudo científico que tratasse dessas combinações.

Silva (2006) já diverge de Ortiz Alvarez, ao apresentar que o grande estudioso da língua, Saussure em 1916, antes de Bally, já teria feito referências às locuções, sendo um dos primeiros a assinalar a presença de combinações não livres. Em seu *Curso de Linguística Geral*, Ferdinand de Saussure (1916) estabelece as locuções como elementos pertencentes ao sistema da língua.

Por sua vez, Saussure, em uma reedição de seu trabalho em 1969, chama essas combinações de “agrupamentos”, mais precisamente sintagmas compostos por mais de uma unidade sucessiva, que constituíam um encadeamento de caráter linear. Esses encadeamentos também poderiam se contrapor a palavras, grupos de palavras, lexias complexas de qualquer dimensão ou espécie.

Contudo, as contribuições de Bally não são ignoradas por Silva, até mesmo porque ele introduziu pela primeira vez o termo *phraséologie*. Esse termo foi usado “para abarcar o conjunto de fenômenos sintáticos e semânticos que dão lugar, por uma parte aos grupos usuais ou séries fraseológicas e, por outra, às unidades fraseológicas” (SILVA, 2006, p. 13).

Assim, Bally apresenta uma teoria da fraseologia e, devido à notoriedade de seu trabalho, passa a ser considerado como o “pai da fraseologia”.

É fato que Bally progride um pouco mais em relação a Saussure, ao estabelecer índices para o reconhecimento e caracterização das unidades fraseológicas, sendo eles: os índices exteriores (estabilidade, impossibilidade de inserir e de substituir seus componentes) e os interiores (o sentido é estabelecido pelo conjunto dos componentes e não pelo sentido individual de cada um deles, e a existência de arcaísmos e elipses nas unidades).

Já nos anos 1940, as ideias de Bally foram retomadas pelo linguista russo Vinogradov. Este estudioso classifica os fraseologismos em função do grau de coesão e motivação semântica. Essa classificação se daria nos seguintes tipos: fusões fraseológicas, unidades fraseológicas e combinações fraseológicas.

Já Corpas Pastor (1996) defende as origens da fraseologia nos anos 50, na remota URSS. A autora ressalta essa região por ter proporcionado considerável contribuição para as pesquisas sobre o assunto. Esta ideia também é seguida por Rodriguez (2004), quando postula, com base em pesquisas descritivas sincrônicas, contrastivas e históricas, que a fraseologia se concretiza como uma disciplina linguística independente a partir de 1956, em Leningrado.

A década de 1960 também foi um período de consideráveis estudos fraseológicos, conforme Ortiz Alvarez (1997). Nessa época, por meio da semântica estrutural, foram publicados novos estudos na Europa Ocidental que abarcam o conceito de discurso repetido elaborado por Eugenio Coseriu (1977). Segundo Coseriu, nessa forma incluem-se as expressões fixas, tais como as frases feitas, as locuções que possuem elementos insubstituíveis ou com recombinações de acordo com as renovações realizadas na língua.

Concomitantemente, nos Estados Unidos as expressões fraseológicas já vinham ganhando espaço através da proposta da gramática gerativo-transformacional, o que já evidenciava a preocupação por essas composições complexas. (ORTIZ ALVAREZ, 1997, p. 196)

Com base nesses autores, podemos entender a fraseologia como a ciência que trata das combinações de elementos linguísticos de certa língua, com relação semântica e sintática cujo significado se dá pela união dos seus componentes, não pertencendo a uma categoria gramatical espe-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

cífica. Em se tratando de estrutura, essas combinações abarcam aquelas que possuem elementos estáveis e estáveis parcialmente. Isto acontece, pois em alguns casos essa estabilidade não é total, permitindo algumas alterações que, por sua vez, não mudam o significado da expressão.

Vale ressaltar, também, que a fraseologia é um veículo de identidade e de cultura, pois delinea a sabedoria de um povo, as experiências do dia a dia, do mundo real. As unidades que a integram são meios de conhecimento da história e de um cenário social no decorrer dos anos, trazendo vivências de uma ou mais gerações.

### 3. *As expressões idiomáticas*

Em consonância com estudos anteriores (XATARA, 1998; TAGNIN, 1989), podemos dizer que uma expressão idiomática é uma unidade lexical complexa e indecomponível, e não apenas uma locução. Desse modo, em sua composição, seus elementos não se separam e ainda podem sofrer pequenas modificações, sem que se comprometa o sentido comum da estrutura completa.

Xatara (1998, p. 49) define o seguinte conceito: “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Assim, para que seja classificada como idiomática, uma lexia complexa possui três aspectos que atuam em seu processo de lexicalização: indecomposição, a conotação e a cristalização.

Essas unidades lexicais complexas são indecomponíveis em sua forma e conteúdo na medida em que sua distribuição admite:

- I. Troca de elementos por outros semelhantes;
- II. A introdução de elementos pertinentes;
- III. A inserção de certas categorias gramaticais.

Ao mesmo tempo, de modo funcional, uma expressão idiomática é unidade locucional ou frasal que constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita, pois se apresenta como sintagma complexo que não tem paradigmas, ou seja, quase nenhuma operação de substituição característica das associações paradigmáticas pode ser normalmente aplicada. Dessa forma, uma expressão idiomática é conduzida pelo “princípio da distribuição única ou restrita”

(XATARA, 2001, p. 52). Esse princípio é caracterizado pela não desagregação de seus componentes.

O segundo aspecto da natureza de uma expressão idiomática atribuída por Xatara, a conotativa, consiste na motivação metafórica na origem da expressão. Além disso, no processo de construção discursiva, com fins de criação do seu significado, cada elemento da combinação abandona seu sentido próprio e dessemantiza, ou seja, altera sua significação.

No interior das fraseologias, as palavras perdem o seu significado individual e constituem em conjunto um significado fraseológico novo, que será idiomatizado, isto é, um “semema fraseológico” (ou mesmo vários “sememas fraseológicos”). (VILELA, 2002, p. 162)

Assim, o sentido da combinação não pode ser inferido a partir dos significados individuais de cada lexema. E, mesmo que saibamos o significado de todas as palavras em sua composição, inclusive suas funções gramaticais, uma interpretação isolada ou mudança de ordem das palavras resultaria num significado confuso, pois sua forma tende a se manter congelada.

Outro aspecto importante para o processo de lexicalização de uma expressão é o seu uso constante por uma determinada comunidade de falantes, configurando a sua cristalização - terceiro aspecto já citado de uma expressão idiomática. Assim, ao adquirir o caráter imutável em seu sentido, a expressão idiomática se cristaliza em uma língua e é propagada de geração em geração nas diversas situações reais de comunicação.

À vista disso, a frequência do emprego da expressão idiomática irá convencionar o seu sentido na comunidade. Esta dinâmica irá garantir elevado nível de codificabilidade, tornando uma combinação lexical reconhecida pelos indivíduos. Seria, pois, “a sua consagração pela tradição cultural que o cristaliza em um idioma, tornando-o estável em significação”. (XATARA, 1998, p. 151)

Tagnin (1989) trabalha com dois aspectos diferentes para combinações: a convencionalidade e a idiomaticidade. Assim, a autora, estabelece a distinção entre expressões fraseológicas e expressões convencionais. Para ela,

- *Expressões idiomáticas* são estruturas cujo sentido não possui previsibilidade, assim não pode ser entendido somando o signi-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ficado de cada elemento que a compõe. Exemplos: *deixar o barco correr, tirar a barriga da miséria*.

- *Expressões convencionais* são estruturas consagradas, por convenção social (por costume) que possuem sentido claro ou literal. Exemplos: *Feliz natal, doce ilusão*.

Xatara (1998) elabora a tipologia das expressões idiomáticas de acordo com critérios morfossintáticos e semânticos. Devido aos limites impostos por este espaço, nos pautaremos para análise na seção 5.1, somente os critérios morfossintáticos.

Para a pesquisadora, os aspectos morfossintáticos se organizam nas seguintes estruturas das expressões fraseológicas: sintagmas nominais, verbais, com função adjetiva, com função adverbial e frasal. Assim,

- a) *Sintagma nominal* – possui função de substantivo na oração. Exemplos: *tudo azul, cara de tacho*.
- b) *Sintagma verbal* – Possuem elemento verbal em sua estrutura. Exemplos: *estar em baixa; dar bandeira*. Podendo ocorrer casos em que um elemento aparece oculto.
- c) *Sintagma de função adjetiva*: possui função adjetiva, mas que modifica o substantivo. Exemplos: *homem de bem* (qualidade: honesto)
- d) *Sintagma de função adverbial*: possui função de adverbial, ou seja, modifica ou complementa o verbo. Exemplos: *de cara, na linha*.
- e) *Sintagma frasal*: consistem em expressões estruturadas em frases exclamativas, interrogativas ou nominais. Exemplos: *Está com fogo no rabo? É o fim da picada! Fim da linha!*

De acordo com ao sentido, autora classifica como os casos especiais aquelas expressões idiomáticas que possuem certas relações semânticas específicas e devem ser consideradas devido ao seu alto uso:

- a) *Alusivas*: expressões em que para saber o significado é necessário recorrer a outros conhecimentos históricos, enciclopédicos, ... Exemplos: *beijo de Judas* (alusão ao texto bíblico, cuja apresenta o modo que Judas Iscariotes identificou Jesus para os soldados que queriam prendê-lo; evento que significou a traição a Jesus).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- b) *Análogas*: possuem formas similares. Exemplos: *pôr a limpos, pôr em pratos limpos* (possuem sentido parecidos: esclarecer algo ou algum fato).
- c) *Depreciativas*: Possuem tom pejorativo. Exemplos: *filhinho de papai, olho de peixe morto*.
- d) *Comparativas*: São fundamentadas na figura da comparação. Exemplos: *vestido igual a um jeca; escorrega igual sabonete*.
- e) *Hiperbólicas*: possuem caráter de provocar exagero. Exemplos: *pele e osso; matar cachorro a grito*.
- f) *Irônicas*: produzem o efeito de dizer o contrário. Exemplos: *rainha da cocada preta*.
- g) *Negativas*: são utilizadas na forma negativa. Exemplos: *não esqueuta a cabeça; não dá a mínima*.
- h) *Situacionais*: Possuem uso determinado em caso ou situação específica. Exemplos: *vai pentear macaco* (pedir que alguém retire sua presença, ideia ou comportamento); *Nem mais um pio*.

Para a estruturação sintática, Xatara estabelece a seguinte classificação conforme uma escala abstrata:

- a) *Fortemente conotativas*: dificuldade de decodificação porque seus elementos não estão semanticamente presentes e “há dificuldade para recuperar sua motivação metafórica e o sentido literal está bloqueado pela realidade extralinguística” (XATARA, 1998, p. 172). Exemplo: sair do papel; pisar no freio, dentre outros.
- b) *Fracamente conotativas*: decodificação mais facilitada porque seus componentes de valor denotativo estão presentes semanticamente e estão ligados a elementos ausentes, de valor conotativo. Exemplo: estar sempre um passo à frente, dentre outros.

#### **4. Considerações finais**

Acreditamos que o professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem deve estar consciente do que realmente consiste uma expressão idiomática, além de conhecer sua natureza. Até mesmo, porque ele tem a função de mediar e criar situações que propicie o desenvolvi-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

mento do aluno, sobretudo da competência lexical. Bagno traz a importância de o professor conhecer a fundo sua língua ao explicar que,

Nós, sim, professores, temos que conhecer profundamente o hardware da língua, a mecânica do idioma, porque nós somos instrutores, os especialistas, os técnicos. Mas não nossos alunos. Precisamos, portanto, redirecionar todos os nossos esforços, voltá-los para a descoberta de novas maneiras que nos permitam fazer de nossos alunos bons motoristas da língua, bons usuários de seus programas. (BAGNO, 2004, p. 120)

E ainda, especificamente sobre a função do professor no ensino das expressões idiomáticas, Xatara (2001) afirma que cabe ao professor explicar e apresentar as principais características dessas expressões. De modo que os educandos sejam capazes de reconhecer essas estruturas nos textos, bem como entender seu sentido e sua relação com o contexto fazendo possíveis associações.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2004.

CORPAS Pastor, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

GROSS, Maurice. Les limites de la phrase figée. *Langages*, 90. Paris: Larrousse, 1988.

ORTIZ ÁLVAREZ, María Luiza. As expressões idiomáticas dentro da obra lexicográfica. *Revista brasileira de linguística*, vol. 9, n. 1, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

SILVA, Moisés Batista da. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. *Revista de Letras*. Ceará: Universidade Federal do Ceará, vol. 1/2, n. 28, p. 11-20, jan./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl28Art02.pdf>>. Acesso em: 05-2015.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

VILELA, Mario. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. In: *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade de Porto*, vol. 2, 2002, p. 159-189.

XATARA, Cláudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, vol. 42, n. esp., p. 147-159, 1998.

\_\_\_\_\_. O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, n. 37, p. 49-59, 2001.